

ANTOLOGIA LITERÁRIA

PEN TALES

UMA VIAGEM AO
MUNDO DOS CONTOS

 PENVIBE
EDITORA

Pen tales

“Uma viagem ao mundo dos contos”

Penvibe Editora



Uma Viagem pelo mundo dos contos 



Ficha técnica

Sobre a obra

Antologia literária

1ª Edição

Autor/a: Vários

Gênero: Vários


Revisão: Jay Miranda

Projeto gráfico e Diagramação:

Jay Miranda

Design de Capa:

Jay Miranda

Tel: (224) 951786431 

Endereço eletrónico: penvibe1@gmail.com

Conta do Facebook: [penvibe biblioteca das artes](#)

Páginas do Facebook: [penvibe.art.blog](#)

Site: <https://penvibe.art.blog>

Luanda-Angola

Distribuído por [penvibe biblioteca online](#)

Copyright © 2024 |Por: Penvibe Editora

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos são reservados aos autores e a Penvibe Editora.

Uma Viagem pelo mundo dos contos 

Descrição:

Coletânea de micro contos e poemas

Autor/a: vários

Lançamento

15/07/2024

Gênero:

Vários

Formato:

PDF

Preço:

Gratuito



Introdução à obra

A antologia literária "Pen Tales: Uma Viagem ao Mundo dos Contos", publicada pela Penvibe Editora, é uma obra que reúne a diversidade e a riqueza da narrativa angolana através de uma coleção de contos escritos por talentosos autores. Entre os escritores que contribuíram para esta antologia estão Ene, Luck, Daniel C. Soande, Maria Eugênia Daniel, Chabir Tadeu CT, Danny Oficina das Artes, Junita Marinela dos Santos, Amois António, AC Lukamba e João Paulo.

Sob a direção cuidadosa da CEO da Penvibe Editora, Arina Zambeze, e com a edição de Jay Miranda, a obra busca transportar os leitores para diferentes mundos e experiências, refletindo a vibrante cultura e as diversas histórias proporcionadas pelos incríveis escritores. Cada conto é uma peça única que, em conjunto, constrói uma tapeçaria literária rica e multifacetada, oferecendo uma viagem inesquecível através da imaginação e da realidade vivenciada pelos escritores.

Visite a página de biografias, clique no link abaixo...

<http://penvibe.art.blog/biografias-pen-tales/>

Índice

- O encanto do pôr do sol - *Ene*
- Magia e mais magia... - *Luck*
- Um adeus inevitável - *Daniel C. Soande*
- A sinfonia incompleta do amor - *Daniel C. Soande*
- Promessas eternas - *Daniel C. Soande*
- O regresso à praia da saudade - *Daniel C. Soande*
- Melodia do vento e só oceano: A sinfonia da natureza - *Daniel C. Soande*
- Os sete pecados - *Maria Eugênia Daniel*
- O taxista da bicicleta - *Chabir Tadeu CT*
- A história do Simão - *Danny Oficina das Artes*
- A corrupção da vila zaoene - *Amois António Augusto*
- Ari UKu - *AC Lukamba*
- Mais forte do que se imagina! - *João Paulo*
- Prova de fé - *Junita Marinela dos Santos*

O encanto do pôr do sol

Que maneira era mais bonita de terminar um dia? Apreciando o pôr-do-sol, vendo o crepúsculo dar o ar da sua graça, ver o sol se unir com o mar naquela linha do horizonte... Era isso que Liliana de 16 anos adorava fazer, a adolescente cujos cabelos estavam em belas tranças de mão, vivia na ilha de Luanda, sua casa era perto do mar, algo que ela adorava, então o lugar onde costumava ficar para apreciar o pôr-do-sol, não era muito longe da sua casa, seu pai e irmãos mais velhos eram pescadores, já sua mãe vendia o peixe trazido pelo marido e filhos para as senhoras que lá iam bem cedo, actividade em que ela ajudava sempre que podia, pois ainda tinha que se preocupar com assuntos relacionados à escola.

Liliana adorava também nadar, uma actividade na qual era boa, pois seus irmãos mais velhos a ensinaram desde tenra idade, ela parecia ser uma sereia de cabelos crespos, uma das comidas que mais gostava era o mufete à moda da ilha, o que para ela era o melhor prato do universo.

Liliana era gentil, carinhosa e na maioria do tempo super alegre, e demonstrava isso sempre que podia, para suas amigas da escola e do bairro, assim como para seus familiares, a mesma estudava de tarde fazendo o curso de enfermagem e tinha o sonho de se tornar uma médica ou biológica marinha, para poder cuidar e estudar a biodiversidade marinha de Angola, por isso se dedicava muito aos estudos, apesar de se distrair com outros assuntos, coisas de adolescentes. Toda vez que voltava da instituição de ensino ficava no seu lugar preferido apreciando o pôr do sol, todos os dias sem exceção. Então foi em um destes dias que conheceu Pedro, um rapaz



um ano mais velho que ela, de uma altura média, pele ligeiramente mais clara do que a dela e cabelos bem organizados, e cortados na medida certa.

Pedro também costumava ir apreciar o pôr-do-sol, lá naquele lugar, por isso os dois já se tinham visto algumas vezes, porém só naquele dia resolveram conversar.

- Olha só que incrível está o pôr do sol hoje, não é!— disse ao se aproximar dela.
- Realmente! É sempre tão mágico assistir ao pôr do sol.—disse Liliana olhando para o pôr do sol.

- Sim, é como se o céu estivesse pintado em tons de laranja, rosa e roxo. É simplesmente deslumbrante!— seus olhos brilhavam enquanto falava.
- Concordo, sempre me faz sentir grata pela beleza da natureza e pela oportunidade de testemunhar esse espetáculo todas as tardes.—sorriu ela.
- Às vezes, esquecemos de apreciar as coisas simples da vida, como um belo pôr-do-sol, é que a beleza está ao nosso redor, basta prestarmos atenção nas pequenas coisas.
- Com certeza, é um momento para respirar fundo, relaxar e apenas ser, sentir a natureza, a brisa fresca, o cheiro a peixe, é como se o tempo desacelerasse e tudo ficasse em paz.—sorriu.
- Exactamente, é bom saber que posso compartilhar esse momento especial com alguém que também aprecia a beleza da natureza, meu nome é Pedro— olhou para ela
- Sem dúvida, é um privilégio compartilhar esses momentos com alguém, sou a Liliana.—sorriu olhando para ele também.



De primeira os dois adolescentes já se deram muito bem, parece que já havia aí uma afinidade, uma conexão que foi ficando mais forte à medida que os dois conversam sobre o prazer de ver o pôr-do-sol, Pedro era um rapaz calmo e extrovertido com quem gostava, era também engraçado e inteligente.

Desde então os dois adolescentes se encontravam naquela enseada adornada por rochas, sempre prontos para ouvir um ao outro, e compartilhar não apenas a paixão de aguardar pelo pôr-do-sol, mais também por outras coisas que tinham em comum, como o gosto por livros, músicas, animes, filmes e séries.

- Me lembrei de uma série que tenho acompanhado, você já viu Stranger Things? —questionou enquanto estavam sentados nas rochas.
- Claro, Liliana! Eu amo Stranger Things! Aquela vibe dos anos 80 e todo o mistério ao redor do mundo invertido me deixa vidrado na tela, e você, tem alguma série favorita?
- Ah, que bom! Eu também adoro Stranger Things, além disso, tenho assistido muito a alguns animes ultimamente, Naruto, Attack on Titan e Demon Slayer, são os meus favoritos, a ação e a trama são tão envolventes! —disse visivelmente empolgada.
- Attack on Titan, é sensacional! A intensidade das batalhas e os mistérios por trás dos titãs me deixam sempre querendo mais, e Demon Slayer tem uma animação incrível! Ei, você já viu aquele filme recente de Demon Slayer?
- Sim, eu vi! Foi tão emocionante! A animação e a trilha sonora eram de tirar o fôlego, é incrível como os animes estão ganhando cada vez mais destaque.
- Estou Completamente de acordo Lili! É ótimo ver como nós angolanos estamos abraçando os animes e dando a



eles o reconhecimento, espero que um dia as nossas produções também ganhem reconhecimento, viu o trailer do novo filme da Marvel que saiu recentemente?

- Esse eu não vi ainda, mas adoro os filmes da Marvel, é sempre um espetáculo!
- Com certeza! Parece que temos muito em comum, vamos continuar aproveitando esse pôr-do-sol maravilhoso e conversar mais sobre nossas paixões geek.
- Não há melhor maneira de passar um final de tarde do que com um bom amigo e boas conversas.— Ela sorriu sendo espontânea.

Entre eles havia sempre uma história para contar, sorrisos para trocar, uma mão amiga, com quem se podia explorar mais daquele lugar. O tempo estava passando, os jovens adolescentes estavam cada vez mais próximos, e até organizavam saídas com os outros amigos também, com a autorização dos pais. Contudo Liliana foi avisada pela família que iam se mudar para a província do Huambo, o que a deixava muito triste, pois ela tinha amigos na capital. Entretanto não podia fazer nada por mais que quisesse, tinha que seguir a família para onde fosse.

Nem com isso ela deixou de ir avistar o pôr-do-sol, porém não contará nada para seu amigo Pedro, porque dentro dela ainda havia uma esperança de que talvez os pais mudassem de ideia, eles viviam tão bem em Luanda, ou pelo menos para si, tinham uma vida estável e boa na medida do possível, então não via o sentido de se irem embora. Suas esperanças não deram em nada, já que a viagem não foi adiada conforme esperava, a mudança a assustava um pouco, pois ia viver uma nova dinâmica, em uma província diferente, nova escola, e pessoas desconhecidas que ia ter que conhecer, mas nem isso fez com que o tempo parasse. Semanas depois tudo estava



pronto e era o último dia de Liliana na capital, o que era algo que a entristecia, havia se despedido de todos os seus amigos menos de Pedro, por falta de tempo... Bem por não lhe ter contado que ia partir, o que fazia seu coração doer, por isso como não ia ter tempo de ir avistar o pôr-do-sol pela última vez em companhia de seu amigo, foi mais cedo para o lugar em que eles costumavam se encontrar e deixou por lá uma carta.

Na hora de costume Pedro foi lá para a enseada não avistando a amiga, mas isso de primeira não o assustou, porque talvez ela chegasse mais tarde, então de imediato ele viu a carta por cima da rocha em que costumavam se sentar, a mesma continha o seu nome, por isso a pegou e assim que retirou o papel do envelope foi lendo, em meio ao barulho das ondas e da brisa que reinava naquele local.

"Querido amigo, se você está lendo esta carta, significa que já não estou mais ao seu lado, para desfrutar de mais um pôr-do-sol, quero que saiba que por mim ficaria em Luanda contigo e o restante dos meus amigos, mas preciso seguir a minha família, mesmo que isso signifique estar longe dos meus amigos.

Sei que deveria ter te contado desde o princípio que me ia mudar, porém não tive coragem, desculpa, você é uma pessoa muito importante para mim e cada momento que vivemos observando o pôr do sol, ou que passamos juntos conversando foi precioso para mim, e as memórias que construímos serão tesouros que guardarei para sempre em meu coração. Prometo que vou te ligar, e te escrever sempre que puder. E não estou em outro país então ainda pode nos encontrar quando eu for para Luanda novamente ou você for para o Huambo, para construirmos ainda mais memórias juntas.

Cuida de ti, e lembre-se sempre do quanto você é especial pra mim. Com todo carinho do mundo.

Liliana”

Pedro terminou de ler a carta com o seu coração triste, contudo não ficou chateado com a amiga, entendia que uma mudança era algo com que Liliana tinha que se acostumar, e por outro lado sabia que ainda podia manter o contacto com a amiga, pois Liliana deixou seu número na carta, seu telefone não era o melhor e era de teclas mas dava para se comunicar com o amigo, que ficou um tanto mais aliviado, após ler as palavras escritas naquele papel branco.

Depois de algumas semanas Liliana e a família estavam já instalados no Huambo, em uma casa confortável não muito grande que fora dada por sua avó paterna, localizada perto das montanhas, Liliana arrumava seu quarto com cuidado e carinho, transformando-o em um espaço pessoal e aconchegante no qual se sentisse feliz. Ela começou colocando suas fotos emolduradas nas paredes, organizando-as de maneira que contassem histórias de momentos especiais que viveu em Luanda, algumas fotos mostravam ela e seus amigos na praia, outras capturavam belos pôr-do-sol que tanto apreciava, e também havia algumas fotos dela explorando a cidade. Além das fotos, Liliana distribuiu algumas conchas que colecionava na prateleira do quarto. Cada concha tinha sua história, lembrando-a dos dias felizes passados à beira-mar. Ela as organizou de forma cuidadosa, algumas em pequenos arranjos decorativos e outras dispostas de maneira mais casual, como se tivessem sido deixadas ali após uma caminhada pela praia.

Para completar a atmosfera acolhedora, Liliana adicionou almofadas coloridas à sua cama e espalhou tapetes de renda macios pelo chão.

Ela escolheu cortinas leves e coloridas que pediu à mãe, que permitia a entrada suave de luz natural, criando um ambiente sereno e relaxante. No final, o quarto de Liliana refletia sua personalidade gentil e sua conexão com a natureza e suas memórias queridas, proporcionando-lhe um refúgio reconfortante em sua nova casa no Huambo.

Por outro lado, seus pais estavam preparando tudo para matricular ela e os irmãos na escola novamente.

Apesar de a princípio não ter gostado da ideia de se mudar, Liliana estava já se acostumando a sua nova rotina, além do mais Pedro ligava para ela um dia na semana e os dois continuavam a ver o pôr-do-sol mesmo que em lugares diferentes, Liliana nas montanhas lá no Huambo e Pedro na ilha de Luanda como ela mesmo dizia "o pôr do sol os uniu, por isso estavam ligados para sempre."

Ene



Magia e Mais magia...

Miranda era a rainha de um reino mágico com dragões, fadas, bruxas, elfos e outros seres encantados um reino lindo ou pelo menos era antes do malvado trevor um bruxo que sempre achou que elfos, fadas e bruxos não deveriam viver juntos. Então ele procurou maneiras de destruir a paz entre os seres mágicos e não é que encontrou! A Partir da pedra da maldição que ficava no pantano dos pesadelos so os mais corajosos ou loucos se atreviam a entrar lá poucos saíram com vida de lá e os que saíram com vida enlouqueciam...

E bom o Trevor era um pouco dos dois louco e corajoso, ele foi sem pensar duas vezes e entrou no pantano dos pesadelo diferente de muitos Trevor já não se importava com os pesadelos pois ele já viveu todos eles por diversos anos e aprendeu a ignorar todos.

Vais ter que fazer melhor pantano inútil pensou ele enquanto caminhava vendo tudo que lhe assombrou na infância.

No centro do pantano encontrou o que ele mais desejava a pedra da maldição, olhou para pedra e depois de anos ele deu o seu primeiro sorriso de felicidade, então ele saiu dali com a pedra em sua mão e sua aura estava mais sombria, por onde passava a vida era ceifada, plantas, flores, pássaros morriam.

Trevor foi até o coração do reino mágico onde ficava o castelo dos sonhos e casa da rainha Miranda que estava a pouco tempo no poder, uma rainha de coração nobre que em pouco tempo ganhou o coração dos seres mágicos. Ele olhou para Miranda que ao sentir uma aura tão negativa olhou para todos os lados procurando de onde vinha até que seu olhar e de Trevor se encontraram...

Patética. -falou ele de um jeito quase inaudível

- Quem é você e o que quer em meu reino? Vens em paz?
-Miranda falou com sua voz doce porém demonstrando poder.
- Não conheces seus súditos Miranda que patético colocou se a rir vamos em parte se eu viesse em paz não estaria com a pedra da maldição, dá nisso colocar uma criança no poder Miranda nem conseguiu responder porque Trevor começou a proferir um feitiço de desunião..

Lançou o feitiço e o pior aconteceu elfos fadas, dragões, unicórnios, bruxos lutavam para governar o país dos contos de fadas, uma luta que destruiu as flores da alegria envenenou o riacho dos risos e fez o sol sumir, uma luta que não tinha sentido nem lógica, mas estava cegos pelo feitiço, enquanto Trevor invadiu o palácio e Miranda se viu obrigada a se esconder.

Diante de tanta confusão rainha Miranda decidiu consultar os livros e saber como acabar com toda desgraça e so havia uma solução possível procurar a pedra da alegria e bondade, no livro tinha um mapa ela olhou para sala de segurança onde se encontrava e tomou a decisão de encontrar a pedra e salvar seu reino.

Ela arrumou sua mochila e lá partiu para floresta do medo onde nossos piores medos se tornam realidade, lá apareceu seu pior medo que seu país seja destruído que é algo que já está acontecendo.

Na Floresta do medo ela viu seu pai culpando ela pela morte de sua mãe que morreu após dar à luz e pela desgraça que vem assolando seu reino, viu sua mãe com uma camisa de noite e sangue entre suas pernas gritando pra ela que era a culpada que ela havia morrido.

Não não não minha culpa ela gritava mas as vozes falavam mais alto que ela era culpada de tudo...

- Estes até podem ser meus piores medo mas eu vou conseguir pelo meu país, como meu pai dizia cada um é responsável pelas suas escolha, minha mãe sabia dos riscos em me ter e aceitou, meu povo me ama e não me culpa pelo que tem acontecido pensava enquanto caminhava e agora as ilusões desaparecem, esse era seu primeiro desafio.

No segundo desafio ela teria que fazer uma escolha difícil no trilho das provações, andou por mais um pouco e se encontrou com uma fada ferida e logo se aproximou e perguntou:

- Fadinha o que fazes tão distante do reino a fada tossiu e disse
- Vim atrás da rainha pois só me dando seu poder eu poderei me curar e não morrer.

Sem excitar deu seu poder a fadinha que ficou bem apesar de saber que dando a maior parte do seu poder teria poucas chances de travar Trevor.

Enfim estava no riacho da paz, onde poderia encontrar a pedra e seu último desafio, Miranda estava ansiosa pois se ela não conseguisse cumprir o desafio seu reino estaria perdido.

Ou dragão da bondade eu te invoco para me tratares e por fim a pedra da bondade conseguir e meus reino salvar logo que terminou de falar um clarão de luz surge e de lá um dragão da bondade todo branco.

- O que tenho que fazer para conseguir a pedra?
-perguntou
- Você já o fez enfrentou seu medo na floresta do medo, deu seu poder na fada sem excitar na trilha das provações não existe um coração tão bondoso e lindo em todo reino agora coloque sua mão em minha testa e deseja com fé

que a pedra Aparecerá e assim o fez e a pedra apareceu em suas mão.

- Obrigada dragão da bondade falou guardando a pedra
- Agora vá e salve seu povo e seu poder lhe é devolvido logo que disse voltou a aparecer um clarão e o dragão sumiu assim como tinha parecido.

Miranda voltava toda feliz por conseguir a pedra da bondade e alegria, finalmente poderia salvar seu reino diferente de Trevor por onde ele passava as coisas ganhavam vida, ao chegar ao seu reino seus olhos se encheram de lágrimas a ver tudo destruído e vários seres mágicos mortos assim como Trevor, Miranda precisou se dirigir ao coração do reino e dê lá proferir o feitiço que salvaria seu povo, Trevor ao notar a presença de Miranda e sua aura bem mais poderosa lançou vários feitiços contra ela mas nenhum surtiu efeito pois a pedra da alegria e bondade a protegia, Miranda não perdeu tempo e começou a proferir o feitiço.

A Rainha conseguiu salvar seu povo pelo seu coração bondoso e o bruxo Trevor teve um final triste as masmorras do desespero onde recebeu uns dos piores castigos ser torturado todos os dias e sem aguentar acabou enlouquecendo ou melhor piorando porque louco ele sempre foi, apesar que a vida não foi fácil para ele.

Miranda acordou com o chamado de sua serva tudo não passou de um sonho, ela seria coroada hoje e o medo a fez sonhar com a destruição de seu reino, nervosa levantou-se da cama, mergulhou em sua banheira e ficou aí aproveitando as últimas horas que lhe restam como princesa Miranda pois logo se tornaria Rainha com apenas 18 anos...

Durante todo processo de arrumação Miranda ensaio tudo queria dizer e a cada minuto que passava ficava ainda mais nervosa e como consequência quebrou seu espelho, não

demorou muito para chamarem por Miranda, ela descia as escadas com toda elegância e nervosismo...

- Falta pouco Miranda para seres Rainha desse reino. - falou Trevor ao seu ouvido e Miranda ao ver seu amigo o abraçou com força por saber que ele não era nenhum vilão tentando destruir o reino dos contos de fadas...
- Sentiu tantas saudades assim do seu querido amigo Miranda- falou com seu sorriso lindo
- Talvez querido amigo. - falou descendo mais rápido as escadas pois eles não poderiam se atrasar pontualmente acima de tudo.

Miranda foi anunciada e o reino todo aplaudiu a nova rainha, a cerimônia estava linda e era a hora do discurso de Miranda agora Rainha...

- Eu havia preparado um discurso que era semelhante aos dos outros Reis e Rainhas antes de mim mas na noite anterior tive um sonho onde um vilão causou destruição e morte no nosso reino. - podia se ouvir o falatório no salão. - isso através da desunião de todos seres mágicos, para salvar nosso reino eu tive que passar por 3 desafios e por fim derrotar esse vilão e a paz no reino trazer. Com isso eu pude aprender que enquanto estivermos unidos nenhum mal vai conseguir nós destruir, apesar de sermos um pouco diferentes não deixamos de ser todos seres mágicos nascidos da bondade e alegria, que apesar do mal tentar nos destruir se lutarmos como irmãos que somos nada nos deterá e como nova rainha prometo manter a união entre os reinos e dar o meu melhor para que a gente viva em paz e harmonia, sei que sou nova e inexperiente mas espero que vocês meu reino confiem em mim e me ajudem a fazer nosso reino crescer e



próspera. Miranda se tornou uma das rainha mais poderosa e bondosa que já existiu no reino mágico.

Assim Miranda que aprendeu que a união e a humildade são armas poderosas para derrotar qualquer tipo mal e que apesar do medo devemos enfrentar ele e se manter firme, que por cada tombo levantar mil vezes mais forte...

E não esqueça os medos foram feitos pra serem enfrentados...

A União faz a força...

Luck



UM ADEUS INEVITÁVEL

Na sala mal iluminada, o silêncio era cortado apenas pelo tique-taque do relógio na parede. “Tik-tak, tik-tak...” Atrás da mesa de madeira maciça, sentavam-se Alexandre e Domingas, seus rostos pálidos sob a luz fraca. O ar carregado de tensão pairava entre eles, como uma tempestade prestes a desabar.

Alexandre, com as mãos entrelaçadas sobre a mesa, iniciou a conversa com voz baixa e hesitante: “Domingas, precisamos conversar sobre... sobre nós.”

Domingas, seus olhos marejados, assentiu com a cabeça, a garganta seca demais para falar. Ela sabia que esse momento chegaria, mas nada a preparou para a dor que sentia agora.

“A verdade é que...” Alexandre hesitou novamente, buscando as palavras certas. “A verdade é que não podemos mais continuar assim.”

Domingas finalmente encontrou sua voz, fraca mas firme: “O que você quer dizer com isso, Alexandre?”

“Nossos sonhos, nossos planos... tudo mudou. Crescemos em direções diferentes, e agora...” Ele parou, incapaz de continuar.

Domingas completou sua frase, a voz trêmula: “Agora, estamos apenas em uma caixa com coleções risonhos.”

As palavras de Alexandre ecoaram na sala, uma verdade dolorosa que ambos reconheciam. A felicidade que antes os unia agora se transformou em uma lembrança distante, guardada em uma caixa com coleções risonhos.

“Quem dirá adeus primeiro?” Alexandre perguntou, a voz carregada de tristeza.

Domingas olhou para ele, seus olhos cheios de lágrimas: “Não importa quem diga primeiro, Alexandre. O que importa é que ambos estamos dizendo adeus à nossa felicidade.”

Levantou-se da cadeira e, com passos lerdos, caminhou até a janela, observando o bairro lá fora. As luzes piscavam como estrelas em um céu escuro, mas nada parecia tão bonito quanto a memória dos momentos que compartilharam antes do fim.

“Quem vai se distanciar da própria felicidade?” Ela perguntou, a voz quase um sussurro.

Alexandre se juntou a ela ao lado da janela, envolvendo-a em seus braços. “Ninguém, Domingas. Ninguém vai se distanciar da própria felicidade. Vamos apenas guardá-la em um lugar especial em nossos corações, um lugar onde ela sempre estará segura.”

Ele a apertou contra si, sentindo o calor do seu corpo e o perfume dos seus cabelos. Sabia que essa era a última vez que a teria tão perto, mas também sabia que a memória desse momento o acompanharia para sempre. Sempre na sua memória.

Com um último beijo, eles se separaram. Domingas pegou suas coisas e se dirigiu à porta, sem olhar para trás. Alexandre a observou partir, seu coração partido em pedaços.

Na sala vazia, o silêncio era ainda mais profundo agora. O relógio na parede continuava a marcar o tempo, mas para

Alexandre, o tempo havia parado. Ele estava sozinho, com apenas a caixa de coleções risonhos para lhe fazer companhia.

Infelizmente.

- Daniel C. Soande in [Salomon's Pen]

A SINFONIA INCOMPLETA DO AMOR

Uma Viagem pelo mundo dos contos ✍️

O vento gélido da madrugada assobiava uma canção melancólica entre as lápides cinzentas do cemitério nas proximidades. Dibwela, com o coração apertado em um punho de saudade, ajoelhou-se diante da sepultura fresca de sua amada, a terra úmida ainda cheirando a luto. Lágrimas, como gotas de chuva em um outono sem fim, brotavam de seus olhos e desciam pelo rosto pálido, traçando um mapa da dor que o consumia pouco a pouco.

Era difícil, na verdade quase impossível, aceitar a realidade que se impunha diante dele. A morte, com sua foice impiedosa, havia ceifado a vida de sua amada, deixando um vazio imenso em seu ser. As memórias, como fantasmas insistentes, assombravam sua mente: o sorriso radiante dela, o toque suave de suas mãos, a melodia de sua voz que agora ecoava apenas em seus sonhos. Pobre Dibwela.

Dibwela fechou os olhos, buscando refúgio na escuridão interior. A lembrança dos momentos felizes juntos invadiu sua mente como um bálsamo para a alma ferida. As conversas íntimas sob o luar, os piqueniques nos campos floridos, os planos que faziam para o futuro, um futuro que agora se desfazia em pó diante de seus olhos.

Um aperto no coração o fez abrir os olhos novamente, sim, abriram-se. Uma lágrima solitária deslizou por sua face, caindo

sobre a foto que ele segurava em suas mãos. A imagem dela, tão viva e radiante, contrastava com a dor que o consumia. Uma dor que parecia não ter fim, um vazio que nenhum abraço poderia preencher, infelizmente.

Ele levantou-se, os joelhos fracos e trêmulos. Olhou em volta, o cemitério silencioso como um túmulo. As lápides, testemunhas silenciosas de tantas histórias de amor e perda, pareciam observá-lo com compaixão. Pobre Dibwela.

Com um passo hesitante, ele se afastou da sepultura, levando consigo a dor da perda, a saudade que o consumia e a lembrança viva do amor que jamais se apagará. A sinfonia do amor que ele e ela compuseram juntos havia sido interrompida abruptamente pela morte, mas a melodia ainda ecoava em seu coração, uma canção triste e bela que jamais seria esquecida, para sempre lembrada.

Dibwela carregaria consigo a lembrança dela para sempre, como um farol em meio à escuridão. E, mesmo com o coração partido, ele encontraria a força para seguir em frente, honrando a memória da mulher que havia amado tão profundamente. Das duas únicas mulheres que ele ama, só uma permanece ao lado dele.

No silêncio da noite, ele sussurrava seu nome, uma prece ao universo, um pedido para que, em algum lugar distante, ela pudesse ouvir a sinfonia incompleta do amor que os uniu.

“Ouça, por favor, amor.”

- Daniel C. Soande in [Salomon's Pen]

PROMESSAS ETERNAS

Uma Viagem pelo mundo dos contos 

Em meio à névoa da incerteza, a alma aflita de Ngolares tece promessas como fios de esperança na tapeçaria da vida. Um juramento sussurrado ao vento, uma prece gravada no coração, um pacto eterno com a memória e o futuro.

No crepúsculo da vida, a sombra da morte pairava sobre Ngolares, um espectro cruel que ameaçava apagar a chama da vida. A angústia apertava o peito, enquanto os olhos se banhavam em lágrimas de despedida. A dor da iminente partida se misturava ao amor incondicional por Nzinga, tecendo um mosaico de emoções complexas e dolorosas.

Com as promessas entrelaçadas, a voz embargada pela emoção, Ngolares teceu promessas como um fio de esperança na iminência do fim. Um pedido desesperado para que a chama da vida de Nzinga continue a arder, mesmo na sua ausência física.

Na chama da esperança, Ngolares jurou cuidar de si mesmo, guardando as palavras de Nzinga em um cofre secreto no coração. Prometeu não desistir dos sonhos, refazendo planos e lutando pelo que era essencial em sua vida.

Em meio à dor, Ngolares se agarrava à promessa de não esquecer Nzinga. As memórias compartilhadas seriam guardadas com carinho, como um tesouro precioso, para serem revisitadas nos dias de chuva e nas noites silenciosas.

Na jornada da cura, Ngolares se comprometeu a não se abandonar na estrada da dor. Prometeu buscar cura e superação, reconhecendo que o passado não define o futuro e que a felicidade pode ser encontrada em novos caminhos.

Em meio à angústia, Ngolares encontrou conforto na fé. Prometeu buscar consolo em Ngana, orando por força e paz em meio à tempestade da perda.

Ngolares jurou guardar Nzinga em seu coração, levando seu carinho a cada passo. A presença espiritual de Nzinga seria uma companhia constante, mesmo na distância física.

Acima de tudo, Nzinga desejava a felicidade de Ngolares. Incentivou-o a seguir em frente, sem olhar para trás, abraçando novos horizontes e permitindo-se ser amado novamente.

Nzinga partiu, deixando um legado de amor e esperança. As promessas tecidas em meio à dor se tornaram a bússola que guiou Ngolares na jornada da vida.

A saudade e a tristeza se transformaram em gratidão pelas memórias compartilhadas e pela força do amor que transcende os limites da vida e da morte.

Este conto, inspirado nas promessas de Ngolares para Nzinga antes do fim, é um tributo ao amor incondicional e à força da esperança em face da perda. Uma história que celebra a vida, a memória e a busca incessante pela felicidade, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. Deixem fluir.

- Daniel C Soande in [Salomon's Pen]

O REGRESSO À PRAIA DA SAUDADE

O Sol nascia majestosamente no horizonte, banhando a Praia da Saudade em tons de laranja e dourado. As gaivotas cantavam sua sinfonia matinal, enquanto as ondas quebravam nas rochas com um ritmo suave e constante. Daniel, o jovem poeta de alma inquieta, observava tudo isso com um sorriso nos lábios. No dia anterior, ele havia encontrado na praia o velho Kakoléle, pescador experiente e guardião das histórias do local. As palavras sábias do velho haviam tocado o coração de Daniel, dando-lhe esperança e direção em um momento de sua vida em que se sentia perdido e desorientado.

Naquele dia, Daniel sentia uma necessidade inexplicável de voltar à praia. Ele precisava conversar com o mais velho Kakoléle novamente, ouvir seus conselhos e sentir a paz que emanava de sua presença.

Com o coração leve e a mente aberta, Daniel caminhou pela areia em direção ao seu encontro com o destino. A brisa fresca do mar acariciava seu rosto, enquanto os sons da natureza o cercavam em uma sinfonia de vida e beleza.

Ao chegar à praia, Daniel avistou o Avô Kakoléle sentado em sua pedra habitual, observando o mar com um olhar sereno. O velho pescador parecia estar esperando por ele, sim, estava esperando.

"De novo aqui, rapaz?" pergunta o Mais Velho Kakoléle, com os olhos velhos brilhando com a sabedoria dos anos.

"É sim, Mais Velho Kakoléle," responde Daniel, com um tom hesitante. "Gosto de apreciar a beleza do mar e a tranquilidade deste lugar."

"E o que te aflige, meu neto poeta?" pergunta avô Kakoléle, com sua voz suave como o vento que sopra entre as palmeiras.

Daniel hesita por um momento, como se estivesse buscando as palavras certas para expressar seus sentimentos. "Sinto-me perdido, sem direção," confessa ele finalmente. "A vida parece tão difícil, e eu não sei como encontrar meu lugar no mundo."

Mais velho Kakoléle sorri e se aproxima do Daniel, seus olhos cheios de compaixão. "A vida é um mar agitado, meu rapaz," diz ele. "Há momentos de calma e momentos de tempestade. O importante é saber navegar pelas ondas, mesmo quando elas parecerem insuportavelmente altas."

Ele se levanta e caminha até a beira d'água, onde as ondas se quebram com força contra a areia. "Veja," diz ele, apontando para o mar. "As ondas são fortes, mas elas não são invencíveis. Elas podem te derrubar, mas você sempre pode se levantar novamente. O segredo é nunca desistir."

Daniel observa as ondas com atenção, ponderando as palavras do velho pescador. Ele sente uma faísca de esperança se acender dentro de si novamente.

"O que mais posso fazer, Mais Velho Kakoléle?" pergunta ele. "Como posso encontrar a paz e a felicidade que tanto procuro?"

Kakoléle sorri e coloca a mão no ombro de Daniel. "A paz e a felicidade estão dentro de você, meu rapaz," diz ele. "Você só precisa encontrá-las dentro de si mesmo."

Ele se vira para o mar e levanta os braços para o céu. “Ore a Jeová, o Deus do mar e da terra,” diz ele. “Te guiará no caminho certo e te dará a força que você precisa para enfrentar os desafios da vida que tanto te tira a paz.”

Daniel fecha os olhos e respira fundo, sentindo o vento fresco do mar em seu rosto. Ele se lembra das palavras de sua avó, que costumava dizer que “a fé era como uma luz que guiava os passos no caminho escuro.”

Naquele dia, na Praia da Saudade, Daniel aprendeu uma lição preciosa com o Mais Velho Kakoléle: a felicidade não é um destino distante, mas sim uma jornada a ser percorrida a cada passo, com o coração aberto e a fé inabalável. As ondas do mar podem ser fortes, mas a força da fé é ainda maior do que se possa imaginar, não se pode perder a fé, e que se deve continuar firme.

- Daniel C Soande in [Salomon's Pen]

Melodia do Vento e do Oceano: A Sinfonia da Natureza

Na sinfonia da natureza, o vento maestro rege as ondas e as gaivotas sopranas entoam seus cantos, a Praia da Saudade era um palco de belezas singulares. Ali, sob o céu em tons de laranja e púrpura, o crepúsculo se despedia em um espetáculo de cores, enquanto o mar, em tons de verde esmeralda e azul profundo, se agitava em ondas constantes, como um aplauso incessante à beleza do dia que se findava.

Em meio a essa plateia natural, encontrava-se Daniel, um jovem poeta de alma inquieta e olhar melancólico. Sentado na areia úmida, observava o bater das ondas, cada uma com sua melodia única, como se sussurrassem segredos antigos para a terra firme. O vento, por sua vez, soprava em seu rosto, como um maestro afinando seus instrumentos para a grande apresentação da noite.

De repente, uma voz rouca e serena o tirou de seus pensamentos. Era o velho Kakoléle, pescador experiente e guardião das histórias da Praia da Saudade. Sentado em uma pedra desgastada pelo tempo, o ancião observava o horizonte com um sorriso enigmático nos lábios cheios de rugas.

"A beleza da natureza é capaz de acalmar a alma mais turbulenta," disse Kakoléle, seus olhos velhos brilhando com a sabedoria dos anos. "O mar e o vento, em sua constante dança, nos ensinam sobre a força da vida, sobre a fluidez do tempo e a importância de aproveitarmos cada momento."

Daniel, intrigado pelas palavras do velho pescador, se aproximou e perguntou: "E o que o avô acha da felicidade? Onde ela se refugiou em meio a tanta beleza e mistério, onde?"

O mais velho Kakoléle sorriu e, com um olhar profundo nos olhos do Daniel, respondeu: "A felicidade, meu neto, não é algo que se encontra, mas sim algo que se constrói. Ela está nos pequenos gestos de amor, na gentileza com o próximo, na gratidão pelas coisas simples da vida. É nas coisas simples que ela se manifesta."

E, como se quisesse ilustrar suas palavras, Kakoléle apontou para o horizonte, onde um grupo de crianças brincava na areia, construindo castelos de sonhos e rindo com a inocência da infância, uff.. "Como é bom ser criança". "Veja," disse ele, "a felicidade está ali, na alegria contagiante das crianças, na pureza de seus corações que ainda não foram tocados pelas decepções da vida. Uff... como é bom ser criança."

Daniel observou as crianças por um longo tempo, e em seus olhos melancólicos, uma faísca de esperança se acendeu. Ele percebeu que a felicidade não era um destino distante, mas sim uma jornada a ser percorrida a cada passo, com o coração aberto e o sorriso no rosto, só seguir adiante.

Naquele dia, na Praia da Saudade, Daniel aprendeu uma lição preciosa com o mais velho Kakoléle: a felicidade é como a sinfonia do vento e do mar, uma melodia constante que só precisa ser ouvida com atenção para ser apreciada em toda sua beleza. Deixa fluir.

- Daniel C. Soande in [Salomon's Pen]

Os sete Pecados

Era uma vez, Na cidade do Pecado, vivia uma população de aproximadamente 100 mil pessoas com um comportamento peculiar das demais cidades, onde reinava a lei do olho por olho e dente por dentes e os bons da fita estavam quase que extintos.

Em um dia ensolarado, a Arrogância, mãe da Soberba e da Avareza encontra-se com a sua enteada Bondade pelo caminho e por ela foi gentilmente saudada, porém a Arrogância não se alegrou com a saudação e disse:

- Que saudação mais miserável! Quando não queres saudar alguém, não o faças, percebeste?

A Bondade toda envergonhada tentou reparar o mal que não tinha feito pedindo desculpas, porém o que achou que resolveria alguma coisa apenas alarmou a situação.

- E estás pedindo desculpas por quê? Uma tapa é suficiente para te fazer levantar a bandeira da paz? Que personalidade mais medíocre!
- Mas o que foi que eu fiz para que me trates deste jeito? Indagou a Bondade já banhada em lágrimas.
- Eu não gosto de pessoas fracas, me enjoam! Não penses que é pelo facto de seres minha enteada é que trato desse jeito, eu simplesmente não gosto de demasiada bondade e se quiseres ser realmente forte, aprenda comigo e com os meus filhos, percebeste?
- Mas qual é a necessidade de tratares mal alguém? Isso é desnecessário, dispendioso e inútil, mas se a senhora acredita que é o certo a ser feito, força nessa jornada, logo veremos o final. Contudo, eu sempre a tratarei bem.

Depois disso, a Bondade foi-se embora deixando a Arrogância e seus filhos pelo caminho. Tão logo que chegou a casa contou

o que aconteceu ao seu pai Humildade que por sua vez a admoestou a manter a paz com a sua madrasta e evitar ter conflitos com a mesma e a Bondade apenas abanou a cabeça como se estivesse indecisa quanto à recomendação deixada pelo pai, mas no fim de tudo fez a sua vontade.

Minutos mais tarde, a irmã mais velha da Humildade de nome Luxúria chegou em sua casa, cheia de presentes para os seus sobrinhos como era de hábito e todos eles se alegraram bastante, contudo o real motivo da sua visita era o anúncio do seu 34º casamento, assunto que deu o que falar na família.

- Vais te casar de novo? Perguntou o seu irmão Humildade, totalmente espantado.
- Sim! Não é uma ótima notícia?! Perguntou ela sorridente.
- Depende... Dessa vez é sério? Não vejo lógica em casares se a intenção for vivendo de forma inadequada, aqui há crianças, percebeste o que eu disse.
- Para ser sincera, não gosto da ideia de estar preso a alguém, mas estou disposta a arriscar e ver o que acontece, posso ficar durante algum tempo? A mãe e o pai não estão de acordo com o casamento. Disse ela franzindo a cabeça.
- E quem te levará ao altar?
- Tu, sem sombra de dúvidas!
- Mas eu sou menor! Não quero problemas com os pais, podes ficar aqui mas não te levarei ao altar, isso está fora de questão.
- Eu achava que eras o bom da fita...
- Chantagem emocional não funciona comigo, uma coisa é ser bom e outra muito diferente é ser idiota, a minha resposta continua sendo não. Disse ele cruzando os braços.
- Mas por que não me deixam ser feliz? Se me caso umas 20 ou 50 vezes, o que importa é o amor! Disse ela indignada.

O seu irmão Humildade vendo ela desse jeito tentou apaziguar a situação prometendo a ele que falaria com os seus pais a respeito. Ela alegrou-se tanto que para comemorar foi a uma discoteca e apenas voltou no dia seguinte totalmente bêbada, o irmão e o resto da casa vendo isso nada disseram a respeito pois viam aquilo como um caso 100% perdido.

No Instituto Médio No instituto médio das Boas Maneiras, houve uma luta entre a Gula e a Inveja durante a pausa para o lanche, o qual chamou a atenção do jovem Paz que quis intervir porém foi afastado pela Raiva, a Best-friend da Inveja que quis assistir a luta até ao fim sem ao menos conhecer as razões do acontecimento.

- Colegas, evitem discórdia no meio de vós, isto não é saudável. Disse o jovem Paz tentando novamente intervir.
- Oie, se concentre! Lapiseira também é uma arma sábia? Se não queres furos no corpo é melhor desapareceres daqui, disse a Raiva já estressada.

A Trapaça passando por aí vê a sua irmã inveja aos cabelos com a Gula e ir por trás e segurar a Gula de modo a pôr fim à luta permitindo que a sua irmã a imobilizasse. O professor Amor foi notificado pelo jovem Paz a respeito do assunto e convocou uma reunião extraordinária entre os professores e alunos de carácter obrigatório.

Postos lá, a Misericórdia que era a directora do Instituto quis perdoá-las sem qualquer penalização porém no decorrer da conversa percebeu que o melhor seria castigá-los de forma a regular o comportamento delas e dos demais alunos.

- A directora fez bem em castigar a Inveja e a Gula, mostrou ser estável emocionalmente, por instantes achei que cederia a fraqueza do seu coração e os perdoaria sem qualquer punição, o facto de sermos virtuosos não implica dizer que não temos os nossos limites, comentou o jovem Mansidão com o seu colega Paz.

- Concordo plenamente contigo, Mansidão. Eu detesto brigas e desentendimentos e sempre que posso interveio com vista a apaziguar a situação, mas isso não quer dizer que por ser Paz não posso me transformar em guerra, eles acham que por serem defeitos podem nos tratar como bem entenderem e nós ficaremos apenas olhando, a minha chapada pesa mais que o corpo da Gula e da Inveja juntas e separadas, respondeu o jovem Paz já chateado.
- Acalma-te, fique tranqüilo. Por mais que eles sejam ruins, nós sempre daremos o nosso melhor para não nos tornarmos iguais ou pior a eles, porém se a situação exigir um pouco de frieza não teremos outra escolha a não ser dá-los de beber do próprio veneno. Vamos para a aula, o professor Amor já vai entrar... Disse o jovem Mansidão.

Depois das aulas a Inveja e a Gula recolheram todo o lixo do instituto, organizaram as salas para os alunos da tarde e substituíram os vigilantes durante três horas, depois disso voltaram para casa indo em direções opostas até que...

- Por que mesmo brigamos? Perguntou a Gula já esquecida .
- Brigamos por causa do Orgulho, tu enviaste uma mensagem a ele sabendo que gosto dele, respondeu a Inveja chateada.
- Eu apenas quis saber se a mãe dele continua fazendo cakes e ele respondeu que sim e depois disso pedi que trouxesse uns 30 para eu lanchar e foi aí que você chegou e leste as mensagens, o que você pensou?
- Que querias ficar com ele e não gostei, por isso briguei contigo. Nesse caso, ainda tenho chances com ele, que bom! Exclamou ela toda feliz.
- Mana, já está tarde vamos embora, conversem nas redes sociais, disse a Trapaça, sua irmã menor.
- Amiga, falaremos mais tarde, essas caloiras estão muito motivadas a estudar, kkkk. Mais tarde te habituas, fique calma Trapaça. Disse a inveja.



Cada um seguiu o seu caminho e mantiveram o contacto nas redes sociais como era de se esperar.

A inveja decidiu puxar o Orgulho para garantir o seu pequeno lugar na vida do camarada, mas ele não quis responder de imediato, respondeu no dia seguinte depois de tê-la visto no instituto totalmente aprumada.

- Oi, tudo bem? Perguntou o Orgulho a Inveja pelo facebook.
- Tudo e contigo? Respondeu entusiasmada.
- Também estou bem, estás muito linda hoje. Disse ele.
- Nem reparei, peguei na primeira roupa que vi e vesti, mas obrigada, é bastante atencioso da tua parte. Respondeu habilidosamente o elogio.

Quando o Orgulho queria responder, o seu professor entrou na sala e tiveram que deixar a conversa para depois. Poucos eram os alunos que de facto prestavam atenção a aula do professor Amor, mas ele o fazia mesmo assim, foi para isso que foi contratado não podia fazer mais que isso e a sua maior dificuldade é ajudar os defeituosos a não passarem dos limites, o que é praticamente uma luta incessante, porém ele não desiste por amor à camisola e ao nome, ele persiste.

TO BE CONTINUED...

O Taxista de Bicicleta

Pedro, 18 anos de idade, jovem do bairro Sanga Rivera, um dos bairros da cidade de Quelimane(cidade das bicicletas). O Pedro é órfão de pai e mora com a sua mãe doente dona Josefa e seu irmão caçula Abel. Sem condições e tempo de continuar com os seus estudos porque tinha que trabalhar para se sustentar e sustentar a sua mãe e o seu irmão menor.

Ele se viu obrigado a abandonar os seus estudos e ficar de segunda a segunda, das 6 horas às 18 horas no mercado, substituindo a sua mãe na venda de tomates. Mas, infelizmente não houve um bom lucro na venda dos tomates, devido a baixa demanda e por ser um produto climatérico a tendência é de amadurecer e apodrecer rapidamente.

- Mamã, hoje também o movimento estava fraco lá na banca, e alguns tomates acabaram por se estragar e não consegui vender muito.
- Se eu conseguisse me levantar, eu poderia ir vender. Mas olha pra mim, nem pra colocar a água na casa de banho pra mim não consigo. – Falou a mãe, se lamentando da situação que se encontra.
- Não tem problema mamã, ainda restou tomates.
- Mas esse dinheiro não vai chegar pra pelo menos comprar um cesto de tomate lá no chabeco?
- Não mamã. Esse dinheiro nem vai chegar para o almoço de amanhã. Estamos a gastar muito na compra dos tomates, mas não estamos a ter lucro. – Desabrochou Pedro.
- Ah! Se teu pai ainda estivesse vivo. Quando teu Pai estava aqui, não sofríamos desse jeito, mesmo eu doente aqui em casa não faltava comida.

Depois das declarações da mãe, lamentando a situação financeira e a saudade do pai. Pedro ficou praticamente a noite inteira a pensar no que fazer para melhorar a situação financeira da sua família e como voltar a estudar. Depois de

horas pensando, se lembrou do trabalho que o pai fazia antes de ter o último trabalho.

Já no dia seguinte, Pedro saiu às pressas para a casa do seu tio levar algo que o seu pai deixava lá há alguns anos.

- Bom dia, tio Manuel.
- Bom dia sobrinho. Tudo bem lá em casa?
- Só mamã continua assim mesmo. Tio eu vim buscar aquela bicicleta que o Papá deixava aqui e que o tio já não utiliza.
- Oh! Sim, não tem problema. Mas a bicicleta está sem a roda de frente e tens que fazer algumas melhorias.
- Sem problemas, tio Manuel. Obrigado.

Depois de levar a bicicleta, o Pedro fez uma repaginada nela, deixou a bicicleta quase como nova e foi apresentar à mãe.

- Mamã, fui buscar essa bicicleta pra começar a trabalhar como taxista.

A mãe no mesmo instante, começou a lacrimejar involuntariamente, pois acabara de se lembrar do marido e ao mesmo tempo estava emocionada pela dedicação do seu filho.

- Você me lembra o seu pai, sempre que vinha com essa bicicleta.
- Irei trabalhar amanhã bem cedo mamã, vou fazer o meu melhor pra colocar comida aqui em casa.

A mãe deu a sua benção ao Pedro. Na primeira semana não foi tão fácil como ele esperava, não era fácil arranjar clientes e sem contar do cansaço que é de carregar pessoas de diferentes pesos, que é exaustivo. Com o tempo ele foi se adaptando com aquela atividade e prosperando.

Foram meses e meses trabalhando, conseguiu comprar uma nova bicicleta e mais uma, contratando jovens para trabalharem com ele como taxistas. Alguns anos depois o Pedro acabou por criar a sua agência de taxistas a "Pedal Táxi" e com isso, ajudou bastante a sua família e aos jovens que necessitavam de empregos.

- Finalmente consegui. Obrigado papá.
Disse o Pedro, todo orgulhoso de si mesmo.

Chabir Tadeu CT

A história do Simão

Uma Viagem pelo mundo dos contos ✍️

Era uma vez, em um pequeno vilarejo em Moçambique, vivia um homem chamado Simão. Simão era conhecido por todos como a pessoa mais pobre da região, pois morava em um casebre próximo ao lixão. Sua vida não era fácil, pois além de lidar com a falta de recursos básicos, enfrentava diariamente a dura realidade de buscar comida e sustento entre os detritos do lixo.

Devido à sua origem humilde, Simão não teve a oportunidade de receber uma educação formal, mas isso não o impedia de sonhar com uma vida melhor. Ele carregava consigo uma sabedoria e uma esperança que o mantinham forte, mesmo em meio às adversidades.

Certo dia, enquanto garimpava entre restos de comida e objetos descartados pelos outros, Simão encontrou um livro. Empoeirado e com páginas amareladas, era um tesouro para ele. Com seu desejo incansável de aprender, ele dedicou cada minuto livre que tinha ao seu novo bem.

As páginas do livro revelaram a ele um mundo além do lixão, um universo de conhecimentos e possibilidades. Simão passava horas lendo e imaginando como seria a vida além dos limites do lixo. Ele se inspirava nas histórias e lições contidas no livro, e cada página lida se transformava em esperança.

Mesmo com todas as dificuldades que enfrentava, Simão estava determinado a fazer algo significativo com a sua vida. Ele sonhava em ajudar as pessoas de sua comunidade e retribuir a bondade que encontrará nas páginas do livro. Movido por esse objetivo, decidiu compartilhar o conhecimento que havia adquirido com os demais moradores do lixão.

Simão começou a ensinar as crianças que viviam ali, mesmo sem ter um espaço apropriado para lecionar. Sob a sombra das árvores, ele reunia as pequenas mentes curiosas e transmitia tudo o que aprendera. Apesar da difícil realidade em que estavam inseridos, as crianças brilhavam de entusiasmo a cada aula e isso enchia o coração de Simão de alegria.

A notícia se espalhou e, logo, o pequeno espaço próximo ao lixão se tornou um verdadeiro abrigo da esperança. As pessoas passaram a admirar Simão e a acreditar que poderiam mudar suas vidas também. Aos poucos, juntos, começaram a trabalhar para melhorar o local em que viviam, limpando-o e transformando-o em um ambiente sustentável.

Simão, agora um verdadeiro líder, estava determinado a mudar a realidade do lixão. Com o apoio e a colaboração da comunidade, eles começaram a criar hortas, reciclar resíduos e até mesmo atraíram a atenção de organizações não governamentais.

Com o tempo, o pequeno vilarejo que costumava ser uma imagem da miséria, começou a se transformar em um exemplo de superação e resiliência. As condições de vida melhoraram, as crianças receberam educação formal e os adultos conquistaram empregos dignos.

Simão percebeu que sua missão estava cumprida. Ele havia conseguido dar uma nova chance àqueles que, assim como ele, viviam à margem da sociedade. Com o coração cheio de gratidão e amor pela sua comunidade, Simão decidiu partir em busca de novos aprendizados, levando seu livro consigo como um símbolo de esperança.

E assim, a história de Simão e do pequeno vilarejo no lixão de Moçambique ficou marcada não só pelos dias de adversidade, mas também pela força e coragem em lutar por uma vida melhor. Eles ensinaram ao mundo que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, o poder da educação e da determinação pode transformar vidas.

Autor: Dany Amado Vasco António
Pseudônimo: Danny Oficina das artes

A corrupção da vila Zaoene

Num canto empoeirado da vila Zaoene, vivia Maria, uma criança de família pobre. Mas apesar de tudo, o sofrimento do povo ecoava em cada canto da vila. Os recursos escassos eram desviados, os serviços essenciais negligenciados, deixando os mais vulneráveis à mercê da miséria e da desesperança. Maria sentia-se obrigada em fazer alguma coisa em relação a essa situação. Porém ela sabia bem que não poderia erradicar o problema sozinha porque era uma luta muito forte e difícil. Percebendo isso, Maria saiu pela cidade e pelos bairros da vila à procura de jovens que pudessem lutar para o bem estar dos outros e da vila.

Depois de um mês de uma procura cautelosa a Maria conseguiu três amigos voluntários que pertenciam a grandes famílias poderosas da vila essa luta enorme.

- Vamos, pessoal, temos que continuar lutando pela verdade, pela justiça. Disse Maria com determinação.
- Mas como podemos fazer a diferença? A corrupção parece estar em todo lugar, questionou Pedro, com um olhar de preocupação.
- Não podemos nos deixar abater pelas dificuldades, respondeu Maria. Temos que começar de algum lugar, e com o tempo, podemos fazer um grande impacto.

Esses jovens, apesar das adversidades, motivaram-se mutuamente, nutrindo a esperança de que o mal não seria eterno. Noite após noite, reuniam-se secretamente, discutindo estratégias para iluminar a vila sombria.

- É impossível mudar tudo de uma vez. Ponderou João, com um suspiro. Mas podemos começar pequeno, focando em áreas onde podemos realmente fazer a diferença.
- João está certo, concordou Ana.

- Vamos nos concentrar em educar as crianças, abrir escolas onde elas possam aprender e se desenvolver. É o primeiro passo para um futuro melhor.

Numa reviravolta inesperada, Maria e seus amigos descobriram uma conspiração que alimentava a corrupção.

- Encontramos provas concretas, anunciou Maria em uma reunião secreta. — Documentos, gravações, tudo o que precisamos para provar o que está acontecendo.
- Mas e se eles tentarem nos silenciar? Perguntou Pedro, preocupado.
- Não podemos deixar que isso nos impeça. Precisamos ser corajosos e enfrentar essa situação de frente. Respondeu Maria, firme.

Com coragem, enfrentaram o sistema corrupto, revelando as entranhas que corroem a vila. Divulgaram as evidências para a imprensa, organizaram protestos pacíficos e incentivaram a população a se manifestar contra a corrupção.

- A verdade não pode mais ser ignorada", declarou Maria em um discurso emocionado na praça central da vila.
- Juntos, podemos fazer a diferença e construir um futuro melhor para todos.

Ao expor a corrupção, causaram impacto. A sociedade começou a questionar, a indignação cresceu. Maria e seus amigos, contra todas as probabilidades, tornaram-se catalisadores de mudança. O grupo que acreditava no poder da educação e da ciência desafiou o status quo, trazendo esperança a uma vila que antes parecia condenada.

Amois António Augusto



ARI UKU – AC LUKAMBA

Todo o dia Ari recebia a informação de que uma nova agressão havia ocorrido. Estavam se tornando mais graves, menos comedidas. As pessoas estavam se revoltando — e não era do jeito como ela esperava. Não era nem do jeito que ela e muitos outros dos seus colegas agiam.

Parecia que mais ninguém queria estar perto de mumuilas, já não passavam despercebidos, agora todos eles eram notados e às vezes essa atenção acabava por causar grandes problemas. O massacre de que eram acusados ocorreu na Huíla, mas a maioria das “retaliações” acontecia aqui em Luanda. E a polícia, como sempre, se fingia de surda, cega e muda.

Ela se mexeu em sua cadeira, levou a mão até o computador e o tapou. Estava olhando para seu discurso de hoje, mas sabia que não o usaria — como em todas as outras vezes. Discursos pré-produzidos a faziam se sentir como uma farsa, como as pessoas que tanto odiava e ela não queria ter nada em comum com elas, nem mesmo algo tão supérfluo quanto isso.

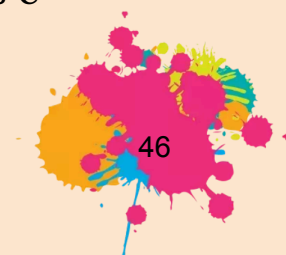
Semelhança traz falsa sensação de compreensão que acaba por gerar empatia. Tudo que precisava agora era sentir pena de assassinos e bandidos, pensou.

Levantou e dirigiu-se até o banheiro, ficou de pé encarando o rosto magro no espelho. Havia tornado seu cabelo com otije — não o usava desde os quinze anos e não estava mais habituada.

O barro seco pressionava levemente seu crânio como um capacete, sentia uma coceira enorme correr por todo couro cabeludo e o cheiro era mais pungente do que lembrava. Mas precisa usar, hoje era um dia importante.

Ela riu. Seus pais debochariam dela se soubessem que a cultura dos outros a havia transformado.

Ari ouviu subitamente um som estrondoso vindo da sala, parecia a porta batendo com força na parede, a seguir o som de botas pesadas sobre o piso de cimento, vozes graves e



ressoantes masculinas. O que era isso? Um assalto, em plena manhã?

Correu para o corredor e se dirigiu ao quarto, prestes a alcançar a entrada alguém a segurou por trás, prendendo sua mão, ela se virou e socou o olho de um homem usando uma toca preta. Ele urrou de dor e a soltou. Ari aproveitou para fugir, mas sentiu unhas grossas arranharem a pele do dorso de seu pescoço e a se prenderem sobre a gola da camisa. Gritou. Sentiu um puxão forte e grosseiro. Ela se desequilibrou e caiu por trás, um som arrepiante de algo se quebrando ecoou por seus ouvidos quando seu crânio atingiu o chão. Um riso e depois escuridão.

- Só um coxito, chefe. — foi a primeira coisa que ouviu ao acordar. Sua cabeça latejava de dor. Ela abriu os olhos, mas a visão estava turva e começava a clarear.
- Já disse que não. Vamos acabar com isso e ir embora.
- Ainda por cima... — outra pessoa disse. — você sabe que elas não banham? Seria nojento para mim.
- E quem te perguntou, caralho. — a primeira voz voltou a soar. — Eu nunca fiz com uma mumuila.

Isso a despertou por inteira!

Estava de barriga para baixo sobre algo peludo que fazia sua pele coçar, cheirou o odor poeirento e familiar; era o mesmo cheiro de seu tapete. Havia sido arrastada para a sala. Ela se moveu, mas sentiu as amarras sobre os pulsos e as pernas.

- Acordou. — disse a voz que responderá ao ser chamado de chefe.

Ari ouviu alguém se aproximar e começou a gritar e a se debater. A segurou bem forte e ergueu a fazendo ficar sentada sobre o tapete. Sentiu pedaços de barro caírem atrás de si.

- Cale a boca antes que eu corte sua língua. — O homem berrou, estava próximo demais. Ari sentiu seu bafo quente e horrível através do tecido — cigarro, álcool, carne estragada. Era o mesmo homem que havia agarrado

enquanto tentava se esconder no quarto, ela sabia disso porque apesar da máscara escondendo seu rosto, seu olho direito estava inchado. Era o mesmo homem que havia dito que...

Ela se afastou dele, se arrastando para trás. Seu coração estava disparado no peito e a dor de cabeça piorava toda a vez que se movia.

Ele riu sob a toca e se levantou. Ari viu mais dois homens atrás dele. Um estava enchendo uma pasta com as coisas dela, o rosto também era coberto por uma toca espessa e negra que mostravam apenas os olhos. O outro estava sentado no cadeirão. Era magro e usava roupas apertadas demais, diferente dos outros usava a máscara enrolada até a testa. Ari viu seu rosto ossudo, escurecido e fundo nas partes moles, ele parecia uma caveira ambulante.

- Levem tudo o que quiserem, mas não me façam mal, por favor. — ela disse. Era um assalto e a melhor forma de reagir era cooperando.

O homem magro sentado no cadeirão sorriu e não disse nada. Ela desviou o olhar daquele sorriso e só então notou a arma pequena e prateada repousando sobre a braçadeira do cadeirão. Quase parecendo um brinquedo.

O homem da pasta desapareceu sobre a entrada do corredor.

- Chefe, só uns minutos mesmo. — falou o homem à frente dela. Se abaixou e tocou a coxa de Ari. Ela se debateu para afastá-lo.
- Se você pretende fazer isso, é melhor me matar primeiro porque eu não vou deixar. — Ari avisou.
- Vai realizar um protesto contra nós? — disse o chefe. Ari o encarou, ficou surpreendida com essas palavras. Queria dizer que...

- Vocês me conhecem, sabem quem eu sou. Isso não é um simples assalto. — falou, sem conseguir controlar a própria boca.

Os dois homens trocaram olhares por vários segundos, calados, como se seus disfarces tivessem sido descobertos. O magro e com o rosto descoberto se levantou. Era mais alto do que ela imaginava. Carregava a arma numa das mãos. Fez um gesto para que o companheiro se afastasse e apontou a arma para a testa dela.

- Não têm nada de simples, mas sim, não é um simples assalto — ele falou, ainda com o sorriso no rosto —, é também um assassinato.

O sorriso do homem desapareceu. A pele das bochechas próximo ao canto dos lábios ficou marcada com linhas esbranquiçadas. Os olhos negros e enormes pareciam prestes a saltar das órbitas. Ari tinha quase certeza do que seguiria e fechou os olhos e se concentrou, tentando manter o controle do corpo que tremia compulsivamente. Ela se agarrou aos vários filetes de tecido de seu tapete, querendo algo mais firme para se apoiar, algo que a fizesse se sentir um pouco menos só. Todos os outros sons a sua volta pareceram cessar. O disparo soou como algo longínquo, abafado, mas barulhento o suficiente para ensurdecer todo seu corpo, para ensurdecer tudo.

AC Lukamba



MAIS FORTE DO QUE SE IMAGINA!

Lucas era um garoto de 8 anos quando perdeu seus pais numa noite tenebrosa. Na periferia, quase tudo é tenebroso; não se vive em paz enquanto algumas pessoas não aceitam que certas coisas têm que acontecer para nos fortalecer, e não para nos transformar em seres ruins, com instintos e sem razão.

Numa noite comum, num dia qualquer, uns assaltantes – ninguém até hoje sabe quem eram – entraram na casa dos pais de Lucas. Eles tinham saído e levaram seu filho até a vizinhança para um jantar. Eles convidaram o casal Sequeira.

Quando estavam chegando em casa, bem no instante em que os assaltantes estavam roubando sua casa. Na periferia, é difícil demais até comer um pedacinho de pão com manteiga; eu também não deixaria que levassem meus móveis.

Então, o pai do pequeno Lucas, o senhor Guilherme, tentou interferir, mas aquilo não foi uma boa ideia. Sua intervenção e reação fizeram com que um dos assaltantes apontasse e disparasse sem hesitar...

Não sei se o cara era psicopata ou apenas mais um retardado mental, cegado pelas quedas da vida. Ele disparou uma, duas, três vezes... E o quarto tiro mudou de rota e acertou o pai de Lucas. A senhora Viktoria, mãe de Lucas, tentou escapar e foi atingida. Vendo-os no chão, Lucas ficou parado, sem forças, por alguns segundos.

Depois, ganhou força e pôs-se a correr...

João Paulo

Uma Viagem pelo mundo dos contos ✍️

Prova de fé

Em uma cidade, vivia um casal Tatiana e Mário,
Levavam uma vida simples e humilde,
mas tudo mudou quando o casal descobriu a existência de
uma gravidez.
Após o jovem descobrir que sua parceira estava concebida.
Sentiu-se feliz,
E com a maior necessidade de procurar melhores condições
para a família.

Três Meses depois...

O jovem partiu para sua terra natal em missão de trabalho.
Com o objetivo de procurar melhores condições de vida,
deixando a esposa grávida em casa.
Ele enviava dinheiro para sua mulher.

Conversavam por chamadas, e mensagens.

- Ela: Amor, como tens estado?
- Ele: Meus dias sem você tem sido triste, e saber que estás aí sozinha e grávida
- Me feri o coração amor, amor nos veremos em breve.

Os dias foram passando, o casal estava distante um do outro.
O jovem estava passando por uma pressão familiar, sendo obrigado a terminar a relação com a sua esposa.
Pois a família do mesmo, deseja que o jovem case com uma mulher de sua terra.



- A família dizia... “Essa gravidez não é sua, abandona ela, e esqueça essa gravidez de uma vez por todas”.

Nove meses depois....

Tatiana completou nove meses de gravidez. Estava se aproximando o dia para o parto, a família do jovem Mário ligava a Tatiana dizendo:

- Esqueça o Mário, ele não vai voltar para ti, esqueça que ele é pai da sua criança. Você não é a única mulher no mundo que vai arranjar outro homem para te sustentar, esqueça o Mário.

Depois de acabar de ouvir isso ficou aos prantos derramando lágrimas. Ela só pensava... Meu Deus! porquê que isso está acontecendo comigo?

Ela chorava dia e noite, já não tinha uma gravidez feliz e saudável. Ela vivia oprimida.

Os dias foram passando... O Mário não dava sinal de vida. A Tatiana ligava mas o Mario não atendia, nem respondia suas mensagens.

Num certo dia-Tatiana recebeu uma visita e foi convidada a ir a igreja, passou a ir com frequência, todos sábados ela ia, ela começou a orar com frequência, e a estudar a biblia,

Os dias foram passando...

Mas Tatiana continuava triste e com muitos problemas de saúde. Tatiana sentiu que sua fé estava sendo provada.

Chegou o dia do parto, Ninguém conseguia entrar em comunicação com o jovem Mario. A Tatiana estava ansiosa,

para ver seu bebê em seus braços, suas Irmãs em Cristo a acompanharam até a maternidade, ela gritava de tanta dor e pelo nome do esposo,

- Mário... Mário

Chorando de agonia, suplicava a Deus para que a ajudasse e sua filha também.

Após oito horas de dor e agonia, Tatiana deu à luz a uma menina.

A criança foi levada até ela para poder sentir o cheiro uma da outra, Tatiana estava muito feliz ao ver sua filha.

Dia Seguinte...

Tatiana recebeu alta, voltou para sua casa, ela era cuidada pelas vizinhas e pelas irmãs em Cristo. Mas com tudo, nada mudará, Mário não dava sinal de vida.

Os dias continuavam passando, a bebê foi crescendo, Tatiana chamou sua filha de Ayla.

A pequena Ayla, iluminava a casa, e dava alegria a todos quanto se aproximavam dela. E Mário continuava a não dar sinal de vida.

A Tatiana pensava constantemente...

- Será que Mário se esqueceu de nós?
- Será que tem outra família?

Chorando suplicava a Deus direção para seu caminho, e forças para continuar a lutar.

Depois da pequena Ayla completar 1 aninho, Tatiana ganhou coragem e levou-a à conhecer seu pai, Tatiana foi até a terra natal de Mário.

Viajando...

Depois da viagem, Tatiana e sua filha chegaram até a terra natal de Mário, Por coincidência encontram-se na rua...

- Mário com os olhos virados ao chão
- Tatiana!! - Chorando correu aos pés de Tatiana pedindo perdão.

Tatiana se comoveu e começou a chorar, Passaram horas chorando... Até que Tatiana ganhou coragem e disse:

- Vamos sentar em algum lugar confortável. –Nós temos muito para conversar.

Mário limpou suas lágrimas e logo foram até à um restaurante, Tatiana apresentou-lhe sua filha Ayla, uma menina linda e muito alegre.

Mário chorando dizia:

- Me desculpa, por abandonar vocês, me perdoe por não estar lá quando vocês mais precisavam.

Tatiana começou a chorar

- Sei qual era o desejo de sua família, mas também sei qual era o seu desejo. - Perguntou Tatiana
- Mário formaste outra família?
- Casaste-te com uma mulher da sua terra?

Mário chorando disse:

- Não, todas que minha família me dava como mulher, Eu negava-as, eu tenho olhos somente para ti.

Ela sorrindo disse:

- Eu amo você Mário.

Passaram horas naquele restaurante.... Até que Mário disse, vamos para casa, para todos conhecerem a minha filha. O casal chegou a casa da mãe de Mário e ninguém sentiu-se alegre pela presença de Tatiana. A Ayla foi bem recebida pelos avós e tias, ficaram por lá seis meses. Tatiana era maltratada, mal falada pela família de Mário, Tatiana era muito humilde e respeitosa. Continuava orando, e suplicando forças para vencer a batalha que estava enfrentando.

Oito meses depois...

Tatiana pediu ao seu esposo Mário para voltarem a sua antiga casa e começarem a construir suas vidas, pois não aguentava mais o sofrimento que estava passando na ausência de Mário. Mário aceitou o pedido de Tatiana.

Chegando à cidade...

O casal retornou a sua rotina antiga. Mas Mário era mal visto por todos da cidade, pois ele abandonou sua esposa grávida, por influência dos seus familiares Tatiana era criticada por todos, por ter aceitado Mário novamente como seu esposo. Mário notou a diferença em Tatiana, perguntou-lhe:

- Tatiana o que aconteceu contigo, durante a minha ausência?

Respondeu Tatiana sorrindo:

- Conheci a Deus, e fez-me ver que devemos ser perseverantes em tudo.

Mário olhando a ela disse:

- Gostaria de conhecer o teu Então o casal foi participando nos cultos da igreja, nos estudos bíblicos.

Os anos se passaram... E a vida deles estava indo muito bem. Ayla completou seus 8 anos de idade, a menina era bem cuidada pelo casal, lutavam para que não faltasse nada à filha.

Um dia aconteceu algo inesperado, enquanto a menina Ayla conversava com suas coleguinhas da escola, Ayla perdeu a consciência e foi levada urgentemente ao hospital...

Acompanhada pela sua professora Marta, chegando ao hospital Ayla foi atendida às urgências, Ayla foi levada a sala da UTI, pois estava perdendo os pulsos, a professora Marta ligou aos pais de Ayla explicando a situação.

O casal foi ao hospital era tanta agonia e medo de perder sua preciosa filha, Tatiana começou a dizer:

- Deus o senhor é rei dos reis, senhor dos senhores, poupe minha filha, em troca leve minha vida. - Sem minha filha eu não sou nada.

Mário abraçava fortemente Tatiana.

- Nossa filha vai ficar bem.

Tatiana acrescentou dizendo quando o diabo disse:

- A pneumonia vai levar sua filha, e destruir sua família.

Deus me disse:

- Tatiana acalma seu coração, e continua edificando seu lar, Eu irei responder suas súplicas.

Mário chorando disse:

- Obrigada meu grande Deus por curar minha filha.

Ayla voltou a ter sua rotina normal, o casal não parou de adorar a Deus e estudar sua palavra.

Casaram-se na igreja, após os dois serem batizados.

E começaram a convidar outras pessoas.



Tatiana e Mário acreditam que suas vidas foram provadas desde o princípio, o mesmo Deus que te coloca na batalha é o mesmo que te fortalece.
O casal viveu para servir a Deus.

Junita Marinela dos Santos

